

Comissão Pró-Índio de São Paulo

São Paulo, 13 de agosto de 1981

OS TAPIRAPÉ E AS IRMÃZINHAS DE JESUS

Sr.: Em 12/08/81 este Jornal publicou uma matéria "Núncio recebe carta da FUNAI contra religiosas" que merece alguns esclarecimentos. O Presidente da Funai, Coronel Nobre da Veiga, acusa as missionárias que trabalham com os Tapirapé de estar orientando os índios para que eles consigam anexar à reserva uma área da fazenda Tapiraguaia, e informa ao núncio apostólico d. Carmine Rocco "que os índios Tapirapé vivem na foz do rio Tapiraguaia, convivendo sem litígio com colonos que estão na região desde 1960." O texto da a impressão de que os índios somente passaram a reivindicar a área em litígio recentemente, o que é falso e de que as Irmãzinhas são recém chegadas na comunidade quando na verdade convivem com estes índios desde 1952. Os índios Tapirapé estão reagindo, atualmente porque a FUNAI tinha-se comprometido a terminar e homologar o processo de demarcação até julho de 1981 conforme a proposta dos Tapirapé. A Funai também tinha prometido remover as treze famílias do Cadete e que vivem em plena área indígena, inclusive com apoio da fazenda. A FUNAI alega que aumentou a área para 60.250 hectares, mas a área para a agricultura é pouca, na verdade uma boa parte da reserva é constituída de varzões e cerrado e de mata alagável. Por outro lado, extremamente graves e injusta são as acusações dirigidas contra as missionárias. É de conhecimento público de que as Irmãzinhas de Jesus são em grande parte responsáveis pela sobrevivência e recuperação deste grupo indígena. Já em 1953 o Professor Herbert Baldus do Museu Paulista elogiava o trabalho discreto das missionárias. O professor Charles Wagley lhes dedica o seu último e magnífico livro "Welcome of Tears, The Tapirapé Indians of Central Brazil". Em 1900 os Tapirapé eram 2.000 e hoje são menos de 200. Em 1953 com 51 indivíduos a sobrevivência do grupo era ainda muito precária. Morriam por doenças devido ao contato com as frentes de expansão. Sendo assim, os Tapirapé passaram a praticar o infanticídio sistemático. Diziam: " Não queremos ver a fome nos olhos de nossas crianças". "Na minha opinião" comenta Charles Wagley" foi a chegada das Irmãzinhas de Jesus que salvou o grupo. Não fizeram nada de realmente heróico, intervinham o

menos possível, pedindo, porém, que abandonassem a prática de infanticídio. As missionárias também não possuíam poder para impedir as invasões das terras dos Tapirapé. Davam assistência Médica e respeitavam as crenças dos Índios. Seguiam a ideologia do Fundador da Ordem, Charles de Foucault, isto é manifestar a fé através do exemplo pela convivência. Viviam em casa de palha e plantavam sua própria roça. Devolveram aos Índios um sentimento de orgulho com relação aos seus costumes". Cabe acrescentar alguns dados demográficos. Em 1957 eram 57 Índios, em 1979 eram 158. Nos últimos cinco anos nasceram 50 crianças. Em 1979 não se registrou nenhuma morte. As Irmãzinhas dedicam-se essencialmente à saúde e educação. Devem, porém, suponho eu, compartilhar com os Tapirapé da esperança de que a comunidade indígena recupere suas terras e possa viver em paz. As Irmãzinhas deram amor e vida, cabe agora à FUNAI e ao Governo garantir uma demarcação ~~de~~ correta das terras que pertencem de pleno direito à comunidade Tapirapé. A cada um sua tarefa.

Lux VIDAL

Lux Vidal - Comissão Pró-Índio/São Paulo